

## CONTATO LINGUÍSTICO EM OIAPOQUE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUA PORTUGUESA L2 DOS FALANTES FRANCESES<sup>1</sup>

Celeste Maria da Rocha Ribeiro<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo objetiva explicitar determinados aspectos relativos ao uso do português brasileiro (PB) L2 empregado pelo falante nativo de francês, adulto, bilíngue em Oiapoque, além de alguns aspectos relativos ao processo aquisitivo, ao contexto de aprendizagem e de uso, às estratégias desenvolvidas e às principais caracterizações do português segunda língua (L2) usado por esse falante de francês língua materna (L1). Cumpre ressaltar que no cenário globalizado em que as pessoas transitam, atualmente, faz-se fundamental, sobretudo para os sujeitos agentes do processo ensino-aprendizagem de línguas, destacando-se as estrangeiras, professores e alunos, ter o conhecimento da realidade linguística da comunidade em que se inserem, assim como do perfil de determinados aspectos que estruturam as gramáticas das línguas em uso naquele local, a fim de que esses agentes possam desenvolver capacidades consistentes e adequadas à situação linguística contextual. Os pressupostos teórico-metodológicos que estão sendo utilizados seguem os parâmetros da sociolinguística variacionista, à luz do contato linguístico. Os dados de pesquisa estão baseados na fala de 02 franceses falantes de português L2, totalizando cerca de 02 horas de gravação. A análise da amostra do português, língua alvo do falante francês, permite verificar que, de forma geral, essa língua não se distancia muito da variedade falada pelos oiapoqueenses natos, parece apresentar poucas interferências da L1 dos franceses, sobretudo daqueles que possuem maior <sup>1</sup>contato com o PB em seu dia-a-dia, além de que este falante adquire essa variedade sem grandes problemáticas, por meio de estratégias nem sempre ligadas ao contexto escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** contato sociolinguístico; bilinguismo; português L2.

### LANGUAGE CONTACT IN OIAPOQUE: SOME CONSIDERATIONS REGARDING THE PORTUGUESE LANGUAGE L2 OF THE FRENCH SPEAKERS

**Abstract:** This article aims to clarify certain aspects related to the use of Brazilian Portuguese (PB) L2 employed by the native speaker of French, adult, bilingual in Oiapoque, as well as some aspects related to the acquisition process, to the context of learning and use, to the developed strategies and to the main characterizations of the Portuguese second language (L2) used by this native French (L1) speaker. It is important to emphasize that in the globalized scenario in which people are moving, it is fundamental, especially for the subjects agents of the teaching-learning process of languages, as foreigners, teachers and students, to have knowledge of the linguistics

<sup>1</sup> Texto resultante de Comunicação Oral apresentada na VI Jornada Francesa; parte de um estudo que culminará em Tese a ser concluída, a qual se desenvolve com o apoio financeiro da CAPES/PRODOUTORAL/DPG-UNIFAP.

<sup>2</sup> UNIFAP – Doutoranda em Linguística (UFRJ); Professora de língua portuguesa; celribeiro042002@gmail.com

tic reality of the community, as well as the profile of certain aspects that structure the grammars of the languages in use in that local, so that these agents can develop capacities consistent and appropriate to the contextual linguistic situation. The theoretical-methodological assumptions that are being used follow the parameters of the variationist sociolinguistic and of the linguistic contact. The research data is based on the speech of 02 French, speakers of Portuguese L2, totaling around 02 hours of recording. The analysis of the sample of Portuguese, the target language of the French speaker, allows us to verify that, in general, this language does not differ much from the variety spoken by the born oiapoquenses, it seems to present few interferences of the L1 of the French, especially those who have more contact with the PB in their daily life, besides that this speaker acquires this variety without great problems, through strategies not always linked to the school context.

KEYWORDS: sociolinguistic contact; Bilingualism; Portuguese L2.

## Introdução

Olhar a língua é, antes de tudo, examinar a sociedade na qual ela está inserida, é conceber a variação e a mudança como processos inerentes a qualquer língua, considerando nesses processos os diversos fenômenos que surgem, dada a dinâmica das sociedades em que as línguas circulam. Entre esses fenômenos, destacamos o contato entre línguas que se desenvolve há muito tempo, estabelecendo interações, conexões e criando relações entre os diferentes povos do planeta.

Assim, este artigo, que consiste em um recorte de tese que se encontra em produção, discorre sucintamente acerca desse contato, visando descrever um pouco da realidade linguística dos falantes franceses que transitam no município amapaense de Oiapoque e utilizam o português brasileiro (PB) como segunda língua (L2).

## 1 Contato Linguístico

As sociedades do mundo todo interagem constantemente e essa integração sóciohistórico-ideológica favorece o fluxo migratório entre as pessoas no mundo que se torna cada vez maior, promovendo e ampliando o contato entre as pessoas de diferentes lugares, etnias, classe social, idade, crenças, hábitos, costumes, entre outros, o que, certamente, dada a interação e a necessidade de comunicação entre

---

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 6, n. 2, 2º semestre, 2016.



os indivíduos, refletirá usos diversificados de línguas em um mesmo espaço geográfico. De acordo com Sankoff (2001), o contato linguístico é tido como o produto histórico de forças sociais que, geralmente, surge como resultado de desigualdades sociais que aparecem em períodos de guerras, colonialismo, escravidão e migrações sejam elas forçadas ou não; há ainda o contato proveniente de urbanização ou comércio caracterizando uma forma de contato harmônica.

Sankoff (2001) defende sob uma perspectiva sociolinguística, que a abordagem relativa ao contato deve explorar também os tipos de situação sóciohistórica que originaram os diferentes resultados linguísticos, além da natureza desses resultados. De acordo com essa autora, os dois grandes processos responsáveis pela origem do contato são a conquista e a imigração, sendo que a imposição de uma língua tem ocorrido ou pelo resultado de conquista, ou pelo estabelecimento da língua padrão como oficial, veiculada na escola, transformando a população local em minoria linguística. Certamente, que, de uma forma ou de outra, o contato linguístico faz parte do dia-a-dia das pessoas, ora de maneira intensa e ora de maneira menos frequente, mas, certamente, em espaços geográficos de fronteiras entre cidades ou países, esse contato acentua-se muito mais.

Vale dizer que nesse contexto de contato torna-se muito importante considerar a vitalidade da língua, a qual, conforme Meyerhoff (2006) corresponde à probabilidade de uso de uma língua para uma variedade de funções sociais, usada por uma comunidade de falantes. Essa vitalidade seria influenciada por fatores institucionais, sociais e demográficos. Assim, em comunidades multilíngues, línguas diferentes possuem maior ou menor vitalidade dependendo dos domínios em que circulam: institucional, social ou pessoal. Por exemplo, em São Jorge (Guiana Francesa) o crioulo francês apresenta maior vitalidade nos domínios social ou pessoal, mas no institucional a língua francesa tem mais vitalidade. Cumpre dizer ainda que a grande vitalidade ou não de uma variedade linguística costuma ser avaliada de acordo com seu uso. Assim, uma língua pode apresentar um relativo status social e econômico, ou ainda um suporte insti-

tucional relativo, mas se o número de falantes de outra língua ultrapassar a quantidade de usuários dessa língua institucionalizada, então a manutenção daquela língua está assegurada. É lícito dizer também que o contexto de contato linguístico tende a desencadear o processo aquisitivo de uma segunda língua pelo falante, em razão muitas vezes, da estreita interação entre a língua oficial e as línguas trazidas pelos imigrantes para o local. Na seção seguinte, elucidaremos algumas questões sobre o processo de aquisição de L2 na perspectiva do contato linguístico.

## 2 O Processo Aquisitivo de Segunda Língua (L2)

A aquisição de segunda língua, tal como a linguagem, constitui-se como “um sistema dinâmico, adaptativo e complexo, onde há muitos elementos em interação” (Paiva 2014, p. 145). Nessa interatividade, entram em cena vários fatores, sendo uns mais voltados às questões internas da língua, outros mais relacionados às questões externas, no entanto o importante é não deixar de considerar essa aquisição, assim como ocorre na linguagem, proveniente da interação entre os seres humanos inseridos em um contexto social (de Bot et al, 2007).

Vale ressaltar que há várias teorias, modelos ou hipóteses que focalizam a aquisição seja de L1 ou de L2, procurando evidenciar a origem e os aspectos definidores e caracterizadores desses processos. Destacamos aqui a teoria behaviorista estrutural (Watson, 1930; Skinner, 1957; Lado, 1964); o modelo da gramática universal – GU (Chomsky, 1976); o modelo da aculturação (Schumann, 1978); a hipótese do input ou modelo monitor (Krashen, 1978); a aquisição de segunda língua na perspectiva dos sistemas complexos (Larsen-Freeman, 1997); o modelo conexionista (Ellis, 1999); a hipótese do *output* (Swain, 2005), entre outros. Não detalharemos sobre essas teorias por razões de economia e também por não contemplarem diretamente o foco desse estudo.



### 3 Aquisição de L2 em Situação de Contato Linguístico

Nesse contexto aquisitivo é muito comum surgirem “línguas emergenciais” do tipo pidgins e crioulos, originadas geralmente da situação de bilinguismo no local, da transferência, interferência e da interlíngua que tendem a aparecer durante o contato entre línguas próximas, além da alternância de códigos. Vale dizer que, apesar do contexto de contato linguístico presente em Oiapoque, gerado pelos usos da língua portuguesa, língua francesa, línguas indígenas (kheul, palikur etc) e pequenos dialetos da região, ainda não se tem registros da existência dessas línguas emergenciais. Há o crioulo francês, mas de maior circulação e uso na cidade de Saint-George, entre outras do outro lado da fronteira (Guiana Francesa).

Em Oiapoque, sem dúvida, a língua portuguesa é a de uso majoritário, predominante e até onde pudemos apurar, ela não sofreu ainda grandes alterações em seu léxico nem em sua gramática, ou seja, o contato linguístico local parece, até o momento, não está influenciando significativamente a estrutura do português brasileiro empregado pelos falantes em Oiapoque, sobretudo os nativos. A seguir faremos uma breve apresentação dos aspectos gerais de cada ocorrência que se desenvolve em locais onde há esse tipo de contato.



#### 3.1 Fenômenos que se desenvolvem em situações de contato linguístico

##### a) Bilinguismo

Weinreich (1953) considera bilinguismo como a prática de duas línguas usadas alternativamente, distinguindo entre bilinguismo individual e bilinguismo social. O primeiro refere-se a um mesmo indivíduo e sua relação com duas línguas, e o segundo volta-se para uma comunidade em específico, onde a maior parte da população se expressa através de duas línguas. Portanto, em geral, bilinguismo envolve duas línguas que coexistem em uma mesma comunidade, dois

sistemas linguísticos diferentes utilizados pelos falantes de uma mesma comunidade, de acordo com o meio e as situações específicas de que participam. Vale ressaltar que a definição de bilinguismo é muito ampla, a literatura extensa e o assunto quase inesgotável. Assim, considerando a caracterização dessa prática, podemos dizer que em Oiapoque ocorre bilinguismo, mas nos termos de Weinreich (op.cit.), o bilinguismo individual, mas, particularmente, nos falantes franceses cuja relação ocorre entre sua L1 e o português L2, assim como nos indígenas entre sua L1 e o português L2.

### **b) A Transferência, a interferência e a interlíngua**

Weinreich (1968) introduziu o termo interferência como equivalente aos casos em que o falante bilíngue apresenta desvios das normas de uma língua, em consequência da familiaridade com mais de uma língua. A noção de transferência tem envolvido não apenas investigações sobre o importante papel da língua materna no processo aquisitivo de uma L2, mas também sobre a influência de línguas já adquiridas por um falante no aprendizado de outros idiomas. Alguns estudiosos vêm mostrando que essa noção caracteriza-se como um fenômeno natural inserido no contato entre línguas e, conseqüentemente, durante o aprendizado de uma língua estrangeira. Vilela (2009, p. 30) destaca que “no contexto da pesquisa behaviorista, em aquisição de segunda língua (ASL), essa ideia remonta à transferência de hábitos da língua materna para o sistema linguístico em desenvolvimento”.

Os estudos recentes contemplando o contato linguístico vêm evidenciando uma mudança de perspectiva no tratamento da transferência, interferência e interlíngua, em geral, concebidas como etapas naturais na formação do indivíduo bilíngue, visto que atuam como estratégias comunicativas, empregadas pelos falantes para compartilhar diferentes e diversas intenções comunicativas.

Sankoff (2001) destaca que o falante bilíngue é o foco central na aquisição de L2, uma vez que nessa aquisição o fator principal no



contexto de contato linguístico é o indivíduo bilíngue. Ainda segundo essa autora, no processo de aquisição de L2 é muito importante o relacionamento entre este falante bilíngue e a comunidade de fala, visto que as estratégias e as práticas individuais no discurso bilíngue contribuem significativamente para a mudança no nível da comunidade e essa mudança pressupõe difusão do indivíduo para a comunidade de fala. Por isso, torna-se fundamental o uso linguístico no processo de aquisição de L2, dada a necessidade de interação entre os interlocutores da língua fonte e da língua alvo, pois quanto maior o acesso aos dados da língua alvo, mais aumentam as capacidades de percepção e produção do falante em relação às formas e aos padrões linguísticos existentes.

Assim, de modo geral, a transferência e a interferência podem ser vistos como fenômenos favoráveis à aquisição de L2, sendo que aquela está mais relacionada a fatores externos como contexto social, os interlocutores, a intenção comunicativa, os papéis sociais dos interlocutores, entre outros, ao passo que a interferência liga-se mais a elementos de ordem interna voltados à gramática da L1 do falante. É nesse contexto de transferência/interferência de elementos da L1 na aquisição de L2 que surge a interlíngua definida como sistema de transição criado pelo aprendiz, ao longo de seu processo de assimilação de uma L2. De acordo com Crystal (1999) é a linguagem produzida por um falante não nativo a partir do início do aprendizado, caracterizada pela interferência da língua materna, até o aprendiz ter alcançado seu potencial máximo de aprendizado. Conforme Bybee (2008) no caso de contato linguístico, o primeiro aspecto da língua que recebe influência é o léxico seguido pelo fonológico. Geralmente, essa influência ocorre a partir da transferência de elementos da L1 para a L2, porém, vale lembrar que o falante adquire a variedade a qual está exposto e essa exposição relaciona-se diretamente ao contexto social responsável pela interação dos falantes, disponibilizando-lhes os meios e os modelos adequados para que realizem suas representações, sejam por meio de percepções ou de produções.

### **c) Code-switching / code mixing**

Soares et al (2012) definem code-switching como o trânsito entre dois ou mais códigos distintos que co-ocorrem durante a interação dos sujeitos, configurando uma estratégia do indivíduo participante de uma interação comunicativa. Ressaltando que este é um fenômeno socialmente motivado, não se limitando, portanto, a elementos estruturais da língua. O code mixing consiste em uma mistura de códigos que ocorre dentro de uma mesma sentença, resultando em algum tipo de alteração na estrutura lexical. No entanto, Soares et al (op.cit.) defendem que os fenômenos code-switching, code-mixing e transferência podem ocorrer de forma integrada em um mesmo enunciado, refletindo que a ocorrência de um não exclui a possível ocorrência de outro.

Dessa forma, no processo aquisitivo de uma L2 são vários os fatores que atuam e interferem e o contato linguístico tende a desencadear situações de bilinguismo, multilinguismo, code-switching, code-mixing, interlíngua e em todas essas ocorrências, de forma geral, os estudos apontam para o postulado de que falantes não nativos adquirindo uma L2 precisam aprender não apenas as regras gramaticais da língua alvo, mas também adquirir os padrões da variação sociolinguística encontrados na língua-alvo da comunidade, e esta integrada ao meio social do falante constituem aspectos bastante relevantes na aquisição de uma L2, fenômeno bastante recorrente nas línguas, seja em situações de contato amplo, seja naquelas mais específicas e restritas a uma comunidade, como no caso do cenário brasileiro e, em particular do oiapoquense.

## **4 O Português Brasileiro como L2 em Oiapoque**

### **4.1 A cidade de Oiapoque**

O município de Oiapoque está localizado ao norte do Amapá, na fronteira setentrional norte do Brasil. Encontra-se distante cerca de

600 quilômetros da capital, Macapá e liga-se pela rodovia BR-156. Distribui-se por uma área de cerca de 22.625 km<sup>2</sup> e segundo dados do IBGE (2015), a população em 2015 era equivalente a 24.263 habitantes e uma densidade demográfica de 0,91 habitantes/km<sup>2</sup> (IBGE, 2015). Conforme estudos de Silva (2013), entre 2000 e 2010, a população de Oiapoque teve um aumento de mais de 50% de seu total, superando, em percentual de crescimento os três municípios mais populosos do estado do Amapá (Macapá, Santana e Laranjal do Jari), no entanto as políticas públicas voltadas à educação, saúde, lazer, cultura, saneamento, habitação, transporte entre outros não acompanharam este crescimento, uma vez que a cidade ainda apresenta carência de serviços e infraestrutura em todos esses setores.

O referido município tem suas origens relacionadas às políticas de povoamento, colonização e defesa do território nacional. De acordo com Nascimento e Tostes (2008), os primeiros sinais de povoamento do lugar ocorreram, de fato, no século XIX, com a chegada de cidadãos guianenses e antilhanos, que ocuparam o lugar dos índios Oyãmpis, que migraram para a Serra do Tumucumaque. Porém, tal ocupação não conseguiu inibir o avanço de exploradores franceses, ingleses e holandeses na área às margens do rio Oiapoque. Em função disso, em 1900 com a assinatura do Laudo Suíço entre Brasil e França, aquela região, atual Amapá, tornou-se oficialmente brasileira. Em 1945, a então Vila do Espírito Santo foi elevada a município com a denominação atual de Oiapoque. Constitui-se pela sede municipal e mais três distritos: Vila velha do Cassiporé, Vila do Taperebá e o distrito militar de Clevelândia do Norte. Vale ressaltar que grande parte das terras do Município é ocupada por parques nacionais: Montanhas do Tumucumaque e Cabo Orange, além das terras indígenas, Uaçá, Galibí e Juminã.

Dada sua localização geográfica, o fluxo migratório de brasileiros para a Guiana Francesa e vice-versa é constante, tendo como corredor obrigatório de passagem a fronteira Oiapoque – Saint Georges. Este corresponde a uma pequena comunidade francesa, per-

tendente ao Departamento de ultramar da Guiana Francesa. Localiza-se a 60 km da foz do rio Oiapoque em sua margem esquerda e constitui a fronteira natural com o Brasil. Do outro lado do rio, situa-se o município brasileiro de Oiapoque. Diante dessa posição geográfica, é evidente que Oiapoque possui influência direta do comportamento econômico, social, político e cultural das cidades da Guiana Francesa, tais como Camopi, Saint-Georges e Cayenne. Certamente que inserida nesse comportamento sócio-cultural encontra-se a influência linguística, estabelecida pelo contato intenso que se estabelece entre os povos e etnias que moram e transitam diariamente na cidade. Porém, é lícito afirmar que, apesar da diversidade étnico-cultural que se encontra em Oiapoque, o uso linguístico predominante é o português brasileiro, seja pelos falantes nativos, seja pelos não-nativos, como os indígenas e franceses. Sem dúvidas, a língua portuguesa é a que possui maior vitalidade entre as demais línguas da região, tanto como língua materna, como segunda língua, a qual é empregada, sobretudo, pelos falantes indígenas e franceses habitantes do local. Entretanto, dada a temática deste estudo, focalizaremos apenas o PB falado pelos usuários franceses.

#### **4.2 O Português Brasileiro L2 empregado pelos Falantes Franceses**

De acordo com o que preconiza a literatura voltada às questões linguísticas, a segunda língua (L2) é caracterizada de forma geral como qualquer língua aprendida após a primeira língua ou língua materna do falante. Spinassé (2006, p. 6) destaca que a L2 é uma “não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização”. Ainda conforme o autor, o domínio de uma L2 depende do contexto de uso, ou seja, é fundamental que a comunicação ocorra diariamente e que a língua exerça um papel no âmbito da integração entre os membros da comunidade.

É nesse ambiente comunicativo que se insere a língua portuguesa

em Oiapoque, pois ela é a principal responsável pela inserção e integração de todos os seus falantes na sociedade brasileira já que é a língua oficial do país. E para que o indivíduo que atravessa a fronteira franco-brasileira possa participar e transitar ativa e plenamente das diversas práticas e contextos sociais existentes no município torna-se imprescindível que ele faça uso da língua portuguesa em suas interações diárias. No entanto, questionamo-nos, como o falante francês emprega a língua portuguesa como L2? Há interferências de sua L1? Se sim, quais os tipos mais frequentes? Ele faz uso de code-switching ou code mixing? Ele sente dificuldades em aprendê-la?

Com o propósito de responder a tais questionamentos, apresentamos a seguir alguns dos principais aspectos de uso do PB como L2 observados nas produções orais dos falantes franceses que moram e transitam em Oiapoque.

#### 4.2.1 Procedimentos Metodológicos

Os dados considerados no presente estudo fazem parte da amostra coletada em janeiro de 2015 e fevereiro de 2016 que está sendo utilizada para a produção de tese de doutorado da autora deste trabalho. Foram realizados 10 inquéritos de cerca de 30 a 50 minutos cada, com 07 falantes franceses e 03 bilingues, estratificados em sexo, idade, escolaridade e grau de contato. Os inquéritos caracterizam-se por elocuições espontâneas, a partir de temas diversos focalizando a região oiapoquense. Para este estudo, por questão de economia, serão considerados os dados orais de apenas 02 informantes do sexo masculino, faixa etária acima de 45 anos, moradores de Oiapoque há mais de dez anos, sendo 01 com grau de contato alto com o PB porque mora e trabalha em Oiapoque e 01 com grau de contato baixo, visto que trabalha em São Jorge e tem contato diário com falantes de francês; ambos com escolaridade superior. Todos os inquéritos foram gravados em formato MP3 e posteriormente transcritos grafemática e foneticamente.

Para a presente análise e apresentação, foram feitos recortes dos trechos, expressões e palavras considerados diferentes da estrutura da língua portuguesa, no tocante aos aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais. Essa diferença será evidenciada na seção seguinte, através de exemplos dos dados de fala dos referidos informantes. Ressaltamos que nesses exemplos, os trechos e palavras que aparecem escritas ortograficamente referem-se à ocorrência no PB e aqueles que estão transcritos foneticamente entre colchetes indicam a forma produzida no português L2 pelo falante francês.

#### **4.2.2 Caracterizações do PB falado pelos franceses em Oiapoque**

Vale ressaltar que o falante bilíngue francês/português transita em Oiapoque em um contexto multilíngue: variedades do PB (língua alvo), línguas indígenas (kheul, palikur) e algumas línguas crioulas da região caribenha. No entanto, essa coexistência das línguas parece não interferir significativamente uma na outra, no momento de uso pelos falantes, pois há as situações e contextos específicos para o emprego ora da LM do falante, ora da sua L2, que geralmente consiste na língua portuguesa. No caso do falante de francês, observamos que ele costuma empregar sua LM em Oiapoque apenas nos contextos onde há interlocutor que compartilha sua língua, pois havendo esse compartilhamento, sem dúvida, que esse falante prioriza em suas interações orais a língua francesa. Porém, ele reconhece o *status* de língua oficial do português, respeita-na e esforça-se para aprendê-la. Em relação a esse aprendizado, verificamos que ele ocorreu na fase adulta, entre os informantes desse estudo, e, de forma geral, essa aquisição e aprendizado realizou-se de maneira informal e quase exclusivamente pelo contato. Esses falantes não consideram a LP difícil e veem algumas semelhanças na gramática do português e do francês, porém apontam o aspecto sonoro como muito diferente. Aliás, é nesse aspecto que percebemos maior inter-



ferência/transferência de elementos talvez da LM desse falante no momento de fazer uso do português L2. Embora no campo morfosintático também tenhamos verificado algumas interferências, mas são bem menores que no nível fônico.

Assim, elucidamos a seguir algumas dessas questões por meio de exemplos retirados da amostra coletada para a referida pesquisa.

### a) Quanto ao Aspecto Fonético-Fonológico

O PB empregado pelos falantes franceses, no tocante aos aspectos fonético-fonológicos, apresenta as seguintes caracterizações:

- O ditongo nasal –ão usado geralmente em final de palavra no português é produzido como um monotongo nasal:

Ex: televisão [televi'zõ]; irmão [ih'mõ]; São Jorge [sãõ]; população [populasõ]; verão [verõ]; educação [edukasõ]; ilusão [ilusã].

(dados de pesquisa)

- A palatal [ʎ] dificilmente foi produzida, em seu lugar temos a semivogal [j]:

Ex: trabalhá [taba'ja]; filho [fi'ju]; melho [me'ju].

(dados de pesquisa)

- Apagamento, em algumas palavras, da alveolar em coda silábica:

Ex: pois ['poj]; mas depois disso [majde'pojdisso]; mesmo ['meom].

(dados de pesquisa)

- Apagamento de fonema ou sílabas:

Ex: economia [ekono'mi]; antigamente [ãtiga'mã]; maioria [majo'i]; qualidade [kãli'dad].

(dados de pesquisa)

- Introdução de fonema:

Ex: rio ['rive]; américa do sul [a'mrikadosude]; mais fácil [maj'fasile]; trinta mil [tãte'mile]; pessoa [pe'sõne]; uma vez [uma'veze].

(dados de pesquisa)

- Troca de fonema:

Ex: evoluindo [avolu'ãd]; inglês [ã'gle]; mistura [mik'sure];

(dados de pesquisa)

### b) Quanto ao Aspecto Morfossintático

Em relação a esse campo, observamos que os falantes franceses de português L2 não produzem formas ou estruturas que se distanciam muito do PB. De maneira geral, os usos se assemelham na questão estrutural e mórfica. No entanto, verificamos alguns empregos mais recorrentes relativos aos fenômenos de:

- Ausência de concordância nominal de gênero entre determinadas formas do PB:

Ex: não tem muito dinheiro [mujtadɔ'i'ner];

tenho amigos pescador brasileiro [amigaspeʃka'do];

minha esposa [mewɛʃ'poze]

uma tese [una'tɛze]

minhas filhas [mewʃ'filje]

muito cliente meu [muɔjtakli'eɔtʃimew]

(dados de pesquisa)

- Ausência de concordância nominal de número entre termos determinantes e determinados do PB:

Ex: algumas certa diferença [aw'gumaʃsɛhtaɔdife'reseɔ]

Cinco língua [siɔkɔ'liɔgweɔ]

As minhas três filha [aʃmijnaʃtrejʃfiʎeɔ]

Dos índio [dɔʃ'iɔdɔiɔɔ]

Muitos amigo meu [muɔjtɔʃa'migɔɔmewɔ]

(dados de pesquisa)



## 5 Breves discussões

Conforme podemos evidenciar nas informações e exemplos registrados na seção anterior, o português falado pelo falante francês apresenta aspectos que o diferenciam parcialmente da língua portuguesa enquanto L1. Sem dúvida, esta é a principal língua-alvo desse falante que a adquire informalmente, quase que exclusivamente pelo viés do contato com falantes de PB L1, aliás esse é o principal fator desencadeador da aquisição do PB pelo falante francês em Oiapoque. Assim, quanto maior o contato com o falante nativo de PB, maior também o emprego dessa variedade de forma clara e fluente; Do contrário, quanto menos contato com esse nativo, menor será a fluência do falante francês, com usos característicos de code-mixing e code-switching, conforme exposto na seção 3.1, sub-seção c.

Diante disso, é válido dizer que ocorre code mixing e code-switching em Oiapoque mas somente entre os franceses falantes de PB L2 que possuem baixo contato com a língua portuguesa L1 e seus usuários nativos. Esse baixo contato deve-se ao fato de o falante francês não interagir diária e cotidianamente com esses interlocutores, morar em Oiapoque mas trabalhar em Saint Georges (Guiana Francesa) onde o francês é a língua institucional e obrigatória, em casa priorizar sua LM em suas interlocuções, além de fazer uso de maneira reduzida da língua portuguesa em sua oralidade. Entre os 2 falantes considerados para esse estudo, há um de baixo contato que se enquadra nesse perfil descrito e outro de alto contato com PB, ou seja, mora e trabalha em Oiapoque, interage intensa e frequentemente com usuários de PB L1, inclusive em casa. Certamente, é notória a diferença entre as formas de usos empregadas pelos falantes franceses que têm baixo ou alto contato com o PB em Oiapoque, refletidas, sobretudo, no aspecto fônico e morfossintático, conforme exemplos retratados na seção 4.2.2, e conforme já dito, pudemos apurar que essas diferenças ocorrem em razão do grau de contato desses falantes com o PB do falante nativo.

Apresentamos abaixo alguns exemplos desses usos em função do

baixo contato com o PB, refletindo uma certa interferência da LM do falante francês e apontando casos de code mixing ou code-switching.

- Code-switching – alternância de código:

Ex: “descendance de africano...” “ce quiabe...” “ce aoiz ...” “ce carne ...

(dados de pesquisa)

- Code-mixing – mistura de códigos dentro de uma mesma sentença, resultando em algum tipo de alteração de uma estrutura lexical:

Ex: “o francês tem uma coisa que se **escribe** diferente **que se que tu fala...**”

(dados de pesquisa)

Desse modo, verificamos que é comum no falante com menor contato com o PB, o emprego dessas misturas de formas e estruturas linguísticas, concretizadas pela interferência de sua LM, como podemos observar nos casos de code-switching em que faz uso de termos determinantes do francês “ce” em vez de determinantes do português como “este ou esta”. No caso de code mixing, o falante utilizou uma estrutura que não é comum em português “que se que”.

Portanto, diante do que foi exposto nesse sucinto estudo, é válido inferir que apesar do contexto multilíngue, a LP é a que apresenta maior vitalidade (institucional, social e pessoal) em Oiapoque, em função disso, constitui-se como a principal língua alvo do falante francês que a utiliza nos diversos contextos sociais espalhados pela cidade. Essa utilização ocorre sem dificuldades, visto que a aquisição do PB L2 por esse falante costuma realizar-se rápida e informalmente por meio do contato com falantes do PB L1. Neste caso, a percepção e a produção das formas e estruturas da língua portuguesa pelo francês dependem, geralmente, dos modelos recebidos os quais são disponibilizados pelos falantes nativos. Portanto, a comunidade oiapoqueense disponibiliza os dados e o falante francês os adquire e utiliza em suas interações diárias.



## Considerações Finais

O processo de aquisição de uma segunda (ASL) língua está estreitamente relacionado à globalização e ao intercâmbio entre os povos. Conhecer e identificar os fatores internos e externos que influenciam na aquisição dessa língua constitui atualmente um dos principais objetivos das pesquisas e estudos sobre ASL. No estudo aqui proposto, consideramos o meio social como o principal responsável pela aquisição do PB pelo falante francês, uma vez que entre esses falantes, são fundamentais os fatores ligados ao lugar onde moram, onde trabalham, aos interlocutores com quem interagem diariamente e à quantidade de insumos (amostras, dados, modelos) a que são expostos com frequência, pois de acordo com algumas teorias, como a GU, o modelo monitor, entre outras que se voltam para esse tipo de aquisição, o falante não desenvolve competência nem fluência em uma L2 se não receber esses insumos.

De fato, comprovamos essa afirmativa entre nossos informantes além da atuação preponderante dos fatores externos no processo aquisitivo da L2.

## Referências

- BYBEE, J. Usage-based grammar and second language acquisition. In: ROBINSON, P.; ELLIS, N. (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*. New York: Routledge, 2008, p. 216-236.
- CHOMSKY, N. A. *Reflections on Language*. Nova York: Pantheon Books, 1976.
- CRYSTAL, D. *The Penguin Dictionary of Language*. Universidade da Califórnia: Penguin, 1999.
- DE BOT, K.; et al. A Dynamic Systems Theory Approach to Second Language Acquisition. *Bilingualism: language and cognition*. V. 10, p.7-21, 2007.
- ELLIS, N. *Cognitive Approaches to SLA*. Annual Review of Applied

Linguistics, v. 19, 1999.

IBGE - *ESTADO DO AMAPÁ*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil>>. Acesso em 20 fev. 2015.

KRASHEN, S. D. The Monitor Model for Second Language Acquisition. In: GINGRAS, R. C. (org.). *Second Language Acquisition & Foreign Language Teaching*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1978.

LARSEN-FREEMAN, D. *Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition*. Applied Linguistics, v. 18, n. 2, 1997.

LADO, R. *Language Teaching: A Scientific Approach*. Nova York: McGraw-Hill, 1964.

MEYERHOFF, M. *Introducing Sociolinguistics*. New York, 2006.

NASCIMENTO, O. & TOSTES, J. A. Oiapoque - *Aqui começa o Brasil*: as perspectivas de desenvolvimento a partir da construção da BR-156 e da Ponte Binacional entre o Amapá e a Guiana Francesa. In: IV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS), Brasília. GT13 - Relações internacionais e ambiente, 2008.

PAIVA, V.L.M.O. *Aquisição de segunda língua*. São Paulo: Parábola, 2014.

SANKOFF, G. In: TRUDGILL, P; et al (orgs.). *Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Basil Blackwell, 2001, p. 638-668.

SCHUMANN, J. H. The Acculturation Model for Second-Language Acquisition. In: GINGRAS, R. C. (org.). *Second Language Acquisition & Foreign Language Teaching*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1978.

SILVA, G.V. *Desenvolvimento econômico em cidades da fronteira amazônica: ações, escalas e recursos para Oiapoque – AP*. Confins. [online]. V. 17, 2013.

SKINNER, B. F. *Verbal Behavior*. Cambridge: Prentice Hall, 1992.

SOARES, M. S. et al. *A alternância de códigos no contexto da educação bilíngue: code-switching, code-mixing e as transferências linguísticas*. Gatilho. Juiz de Fora, MG, v. 15, p. 1 – 14, 2012.

SPINASSÉ, K. P . *Os Conceitos língua materna, segunda língua e*

*língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil*. Contingentia, Porto Alegre (RS), v. 1, p. 01-10, 2006.

SWAIN, M. The Output Hypothesis: Theory and Research. In: HINKEL, E. (org.). *Handbook of Research in Second Language Teaching and Learning*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

VILELA, A. C. S. *Transferência Linguística e Transferência de Treinamento na Interlíngua do Falante de Português-L1/Inglês-L2*. 2009. Dissertação. Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

WATSON, J. *Behaviorism*. Chicago: The University of Chicago Press, 1930.

WEINREICH, U.; et al. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. (Tradução de Marcos Bagno).

WEINREICH, U. *Languages in contact*. New York: Publications of the Linguistic Circle of New York, 1953.

**Recebido em: 30 de novembro de 2016**

**Aprovado em: 16 de fevereiro de 2017**

